AmM/F.104
Raro

BRAULE PINTO

THESE DE CONCURSO

Amazonas
F 104
PINTO

1918

TYP. DA LIVRARIA PALAIS ROYAL

CESAR, CAVALCANTI & C., MANÁOS

These de Concurso para preenchimento effectivo da cadeira de Desenho, organisada de accordo com o Regulamento do Gymnasio Amazonense a que se refere o Decreto n.º 1.197 de 15 de Maio de 1917.

BIBLIOTECA PUBLICA DO AMAZONAS

Reg. a fls. 162 ... do Catálogo-Inventário,
sob o N.º 874.....
N.º de Classificação: .....
Em 13 / 8 / 1947

Ao intelligente collega
Gentil Bittencourt
offerece com amizade
esta parcella de trabalho
modesto
O autor.
Em 6. F. 1918.

Summario da These de Concurso apresentada no dia 25 de Fevereiro de 1918 á Congregação do Gymnasio Amazonense por **Braulio de Lemos Braule Pinto.**

Introducção. DA LUZ – DA CÔR.

Proposições.

A' meus paes Capitão José Justiniano Braule Pinto e D. Carolina de Lemos Braule Pinto

saudosa memoria.

✳

A' minha dilecta esposa D. Salaberga Bentes Braule Pinto e aos meus amados filhinhos Mario, José Justiniano, Ruy e Maria Germana

todo o meu devotado esforço.

✳

Ao meu irmão Dr. Simplicio de Lemos Braule Pinto, Director do Hospital de Alienados no Rio de Janeiro, e ao Dr. Vicente Telles de Sousa Junior, Director da Escola Normal de Manáos

amisade e veneração.

INTRODUCÇÃO

A arte e a vida se devem ter originado, integradas, numa perfeita união.

Richter, pensando explicar a origem da vida na superficie da Terra, quedou-se estarrecido diante dessa *maravilha* que, na sua mais elementar argumentação falseou, dirimindo a sua phantasia, que não era mais do que uma expressão rudimentarissima de Arte – Arte essa que se tendo manifestado desde os primitivos animaes tem sido tambem em nossos dias a eloquente prova do mysterio que nos envolve em todo o systema do Mundo.

Appareceu a Arte portanto antes do homem surgir á superficie do nosso planeta.

Quem poderá asseverar, qual a origem da Arte, se a vida é inexplicavel? Como a Arte, atravez de muitos seculos, testemunha a existencia do homem numa expressão sincera e immensamente bella?

Apreciando a Arte relativamente ao homem, vemos que as suas multiplas manifestações são as proprias manifestações da existencia do homem. Eram as mesmas ha milhões de annos e serão as mesmas que sempre existirão com elle. Assim é que o mais primitivo e selvagem dos homens, fez Arte a seu modo, não esquecendo-a, não despresando-a nunca durante a sua longa vida accidentada.

Tempos houve horrivelmente tristes; seculos de negra miseria, de desolação, de fome, em que o homem vivia como que abstrahido de si mesmo, e não obstante, nessa phase angustiosa da historia da humanidade, existiu a Arte que parece, melhor resplandecia dessas trevas, como "sendo o raio de sol que confortava essa pobre humanidade, consolando-a nas dores, conservando na sua alma a sagrada chamma da esperança".

E o homem, ainda não satisfeito de admirar a Natureza, imita-a por todas as fórmas com o insaciavel desejo de sempre e sempre cultuar a Arte que é a sua integração na vida como na morte.

O homem e a Arte instinctivamente se completavam na inconsciencia da sua existencia, nas eras lendarias em que vivia elle perdido – nessa sombria e terrivel epoca – em gigantescas florestas ao convivio de féras horriveis e de cuja libertação foram precisos milhares de annos para chegar a ser o idealista de senso, o artista consciente, imitando e comprehendendo as bellezas da Natureza, creando as obras de Arte hoje quasi deslumbradoras.

O artista na sua subtil e requintada sensibilidade, revéla, á viva prova de todos os tempos, a perpetua evolução das cousas e das ideias.

A Arte, de cuja sensação cada um de nós experimenta uma extranha volupia, atravez da historia da humanidade, tem sempre traduzido em obras e expressado a vida, em bellissimas imagens, como que, por momentos, desvendando o enigma do Universo.

A observação, causa efficiente na explicação dos phenomenos da Natureza, é a rudimentar manifestação do desconhecido que vagamente symbolisamos com a Arte.

As incognitas do Universo são a causa da sua admiração, e não ha uma só dessas incognitas que não encerre qualquer cousa do indecifravel mysterio da Arte.

O artista ama as cousas, os seres, observando a Natureza no conjuncto do seu mysterio.

Nas maravilhosas obras sublimes, em que o genio humano synthetisa a vida, sente-se a alma do artista povoada de sonhos nas phantasias das obras eternas da eterna Arte.

A Arte em qualquer gráo que se manifeste, mostra-se para nós sob o duplo aspecto: de luxo e de goso.

O estudo da Arte primitiva póde-se praticar de duas maneiras: pela observação comparativa dos selvagens actuaes ou pelos vestigios que os animaes das epocas as mais remotas têm deixado enterrados no sólo.

E' interessante constatar que esses dois methodos conduzem-nos quasi ao mesmo resultado.

A Arte manifesta-se, primeiro que tudo, pela esthetica e pela symetria, que é analoga ao rithmo da poezia e da musica; e pela côr, disposta ou applicada para o prazer dos olhos; pois as côres são uma abundante fonte de prazeres intellectuaes.

DA LUZ—DA CÔR

Em todas as manifestações da vida, a luz entra sempre como o principal factor.

No mundo todo, tudo é movimento; assim é que o movimento, a vibração do ether, elemento imponderavel, fluido extremamente rarefeito, que occupa todos os intervallos do espaço infinito, diz-se ser a causa da luz. E as asserções de Fresnel talvez nos conduzam a acreditar em que condições se dá esse movimento vibratorio do ether no raio de luz, desde que Poisson não tenha razão nas suas argumentações.

Cadiat, diz—: Fóra de nós tudo é movimento sem ser luz; é o globo occular que transforma o movimento vibratorio em luz; o mundo é illuminado pelo poder visual do homem. Asseverando deste modo ser o globo occular a causa da luz.

Mas. . ., em real convicção, que é luz? Qual a causa da luz?

Na hypothese da emissão da luz como consequencia da mais moderna propriedade geral da materia —a radio actividade—, funda-se todo um conjuncto de phenomenos physicos na sua mais variada diversidade, como as acções radiotherapicas, heliotherapicas, etc.

Considerando-se um raio de luz, phenomenos diversos apreciamos no seu percurso.

Comporta-se de um modo variado ao encontrar uma superficie que lhe seja impenetravel, dando-nos os phenomenos da reflexão e da disseminação luminosa; ao encontrar uma superficie perfeitamente penetravel ou irregularmente penetravel, dando uma serie de phenomenos outros, conhecidos pelo nome de refracção, dupla refracção, polarisação.

Nos effeitos opticos produzidos pela convergencia ou pelo encontro dos raios que se reflectem ou se refractam, denominam-se *imagens* que pódem ser simplesmente brancas ou coradas conforme a natureza das vibrações dos raios de luz e o modo pelo qual se encontram esses raios.

Em todos os phenomenos de optica, ha sempre duas condições a considerar: o ponto luminoso e o ponto de vista, e para cujo concurso é necessaria a funcção do orgão visual ou na sua falta, necessario se torna, uma intensa percepção fiel e apuradamente educada.

A superficie impenetravel polida nos dá sempre a reflexão do raio luminoso. E sabe-se que esta superficie alem de reflectir uma grande quantidade de luz, grupa ainda os raios luminosos em massa; não se dá o mesmo com a superficie diaphana, que dispersa, em todas as direcções, a luz que ella recebe.

As variadissimas reflexões luminosas, os constantes desvios que o raio de luz soffre, propagando-se no ar, e os demais effeitos de luz, não são mais do que a manifestação do importante phenomeno—a disseminação. E essa disseminação, que é por consequencia o mais commum phenomeno physico da luz, é o mais util talvez para a precisa percepção visual; pois é ella que nos conduz a vermos não somente as fórmas dos corpos, suas posições, mas tambem as mais pequenas particularidades de cada um delles.

Gustave Le Bon, affirmando que a sombra não é completamente privada de luz, patrocina a verdade de que, a presença da luz na sombra é uma consequencia da disseminação luminosa.

Accresce a estas circumstancias um facto importantissimo; é que o phenomeno luminoso é sempre a funcção de dois elementos: luz e percepção visual, asserção essa que os estudos de optica geometrica confirmam.

Em todas as condições que a luz se apresenta, promove ella variadissimos effeitos opticos, quer de ordem esthetica, como por exemplo em relação as paizagens; quer pelo seu conjuncto de vibrações luminosas que se animam á nossa vista.

Factos de uma irrecusavel veracidade evidenciam esta especie de capacidade moral da luz, que aliás deriva da sua virtualidade physiologica.

Produzir luz, irradiar luz, aclarar intelligencia, destruir preconceitos e mysterios, investigar sobre verdades preestabelecidas á Natureza—é todo o desejo incontido desta epoca de progressos e maravilhas. . .

A luz branca, a luz fecundante e bôa, que nos illumina a vida aclarando o cerebro e que o Sol despéde, é a synthese perfeita de radiações differentemente coradas. Os estudos dessas impressões causadas pelos raios luminosos, no orgão visual, é o que se chama—*chromatica*.

A gemma que nos proporciona observar, numa disposição ordenada, gradual e dispersiva, as côres—vermelha, alaranjada, amarella, verde, azul, anilada e violeta—, é o que se conhece pelo nome de *espectro solar*.

Mas o espectro solar, a sensação setecolor que experimentamos distinguida numa perfeita disposição de raios de luz, não é mais do que o conjuncto de côres simples e complementares que desempenham importante papel na harmonia de uma decoração.

Entretanto, côres não as ha, na realidade, senão tres: vermelha, amarella e azul que são as côres primitivas ou simples.

Sabe-se que a luz se propaga com a mesma velocidade constante, qualquer que seja a sua natureza. Elementos outros porém existem, que variam de umas para outras radiações luminosas; o que quer dizer que existe cada radiação com sua côr propria, com sua refrangibilidade particular e com o seu comprimento de onda caracteristico.

Além das radiações de que acima fallamos, outras se produzem porém imperceptiveis, e por isso é que se affirma, o espectro solar não abranger somente as radiações percebidas normalmente pela nossa vista.

Segundo a theoria de M. Hering, a retina contém tres substancias visuaes, e as sensações fundamentaes são em numero de seis:

preta e branca;
vermelha e verde;
azul e amarella.

Cada um destes tres pares corresponde a uma acção de assimilação ou desassilação em uma das substancias visuaes; e por cujas asserções todas as côres do espectro agem tambem, sobre a substancia do branco e do preto, da mesma maneira que a luz branca. E ainda em consequencia a esta theoria, o branco, que é produzido pelas misturas da luz vermelha e da luz verde, devia ter menos intensidade que a somma dos elementos separados.

M. Hering não parece ter razão, pois, como veremos adiante, experimentadores outros affirmam se decompôr a luz em tres côres simples.

Aqui cabe dizer que o branco tem a propriedade de se estender sobre as côres que a ella se avisinham; propriedade essa que apreciamos toda a vez que ha, justa-postas, côres de vibrações differentes.

M. F. Boll, affirmou, que a retina *produzia physiologicamente* sempre uma sensação vermelha que, em exposição á luz, rapidamente desapparecia; e em pesquizas mais apuradamente feitas com M. Kühne, estudando a luz de uma só côr, relativamente a essa sensação vermelha, constatou que esta côr começa restituindo a mais intensa e fal-a, em seguida, desapparecer lentamente.

A acção da luz amarella é lenta; a luz verde, azul e violeta, agem mais rapidamente.

Acerca destas observações, Kühne fundou uma theoria da visão.

Suppondo que as ondas luminosas déssem origem na retina, a compostos que differem com o comprimento das ondas, determinou diversas sensações da côr, affirmando assim produzirem-se tres compostas que originavam as sensações vermelha, verde e violeta; e a amarella e a azul são uma sensação dupla, effectuada pela retina, demonstrando elle que a mistura das vibrações da côr vermelha e da côr verde dão amarella, e que a mistura das côres verde e violeta dão azul.

Se assim fosse, bôas razões haveriam em favor da opinião de que as côres amarella e azul não são côres primitivas fundamentaes.

Não obstante, as tres côres simples terem sido por vezes escolhidas arbitrariamente, como acontece com a theoria de Young, e com ella, as opiniões de Helmholtz e Maxwell, Brewster e outros, nos asseveram, modernamente, que a luz decomposta nos apresenta as seguintes côres simples na sua ordem gradual de vibração:

vermelha, amarella e azul.

Donde teremos:

alaranjada, verde, anil e violeta, que resultam, respectivamente, da mistura da vermelha com

a amarella; da azul com a amarella; e da azul com a vermelha em proporções diversas.

As côres complementares estabelecem um *contraste* que resulta da desegualdade da vibração da intensidade luminosa.

Pelo phenomeno physiologico denominado *cançaço da retina*, póde-se conhecer a côr complementar de uma luz.

Tem-se verificado assim que, a côr vermelha é a complementar da verde; a azul da alaranjada; e a amarella da violeta, e etc.

Este facto parece demonstrar que o espectro luminoso póde ser dividido em duas partes, uma das quaes é complementar da outra. Com effeito; observa-se que o feixe luminoso branco, incidindo sobre os differentes corpos da Natureza, cujos gráos de estructura e de aggregação são diversos, soffre, por parte destes corpos, absorpções differentes.

Um systema *dioptrico*, que desvia a luz sem dispersão, diz-se — *achromatismo.*

Rebuscando tudo que se tem dito relativamente ás côres, podemos convencionar que são ellas:

simples ou compostas,
primitivas ou derivadas.

E por tudo isso inquerimos: Que é côr? Qual a causa da côr?

Na variabilidade dos phenomenos da visão, importantes factos apreciamos, quer de ordem da anomalia da refracção; quer de ordem da anomalia de accomodação; e quer ainda pelas manifestações do que se chama — *astigmatismo.*

Longo seria se pensassemos ennumerar todas as combinações em que entram duas ou mais côres; e impossivel seria, como é, qualquer tentativa para estudarmos todas as diversas gradações que pódem resultar da combinação dessas côres.

Causas diversas, phenomenos variados concorrem para que essas gradações se tornem multiplas e quasi indefinidas.

O espectro solar, foi ha muitos annos, antes da admiravel descoberta de Kirchhoff, a causa favorita de estudos profundos e indecisos, para os physicos que viam na polychromia do arco-iris a insondavel perscrutação da vida.

Seja-me licito dizer ao termo deste trabalho, que pelo conjuncto de manifestações polychromicas observadas desde o inicio da nossa vida ao derradeiro alento, a côr—parte da nossa natureza—vibra na nossa alma prenhe de amôr.

A côr é menos importante que a *forma*, entretanto é ella que lhe dá uma graça particular.

Dahi dizer-se que, na arte decorativa, é a côr um elemento mais importante que a fórma. E é desse duplo contraste que a pintura e a arte decorativa, que se differenciam somente do modo pelo qual dellas se utilizão, fazem o seu apanagio na magia esplendida das côres.

PROPOSIÇÕES

I

O Desenho é a base fundamental de todas as artes; e diz-se ser elle a *escripta universal da fórma* e com o concurso da qual traduz, em imagens, a physionomia dos objectos.

II

O ponto, a linha e a superficie, geram, respectivamente: *a linha, a superficie* e *o volume.*

III

Dois planos ao se intersectarem determinam *uma linha;* e tres planos ao se intersectarem, convenientemente, determinam *um ponto.*

IV

A egualdade das figuras geometricas, é um caso particular da semelhança.

V

Os lados oppostos de um quadrilatero inscriptivel, em que uma das diagonaes é um diametro, projectam-se sobre a outra diagonal segundo comprimentos eguaes.

VI

As diagonaes de um pontogono regular cortam-se mutuamente em média e extrema razão.

VII

A cycloide é uma curva *tautochrona.*

VIII

Na sombra e na treva ha luz.

IX

A theoria geometrica das sombras, considera os *problemas* a ella relativos sob o ponto de vista ideal ou abstracto.

X

Não é sufficiente termos perfeito o orgão visual para vermos os corpos.

XI

Na visão normal, phenomeno interessante se dá, relativamente ao obstaculo dos meios transparentes, que interseptam a *irradiação colorida.*

XII

Construido um plano tangente a um ponto de uma esphera e de cujo ponto se conhece uma das projecções, póde-se sempre determinar outra sua projecção.

ERRATAS

Paginas	Linhas	Onde se lê:	Leia-se:
11	1	A arte.....	A Arte
11	4 e 5	na sua mais	na mais
12	41	pois as côres são uma abundante fonte de prazeres intellectuaes	"pois as côres são uma abundante fonte de prazeres intellectuaes"
15	3 e 4	assim é que o movimento, a vibração.....	assim é que a vibração
16	1 e 2	phenomenos diversos.....	phenomenos relativamente diversos
16	11	Nos effeitos	Os effeitos
17	14	pelo seu conjuncto.....	pelo conjuncto
19	1	intelligencia	intelligencias
19	11	gemma.....	gamma
20	6	com o seu.....	com seu
20	21	substancias do branco.....	substancia branca
20	22	e do preto..	e preta
20	23	o branco	a côr branca
20	24	produzido	produzida
20	30	qúe o branco	que a côr branca
22	18 e 19	absorpções differentes. Um systema *dioptrico*, que desvia a luz sem dispersão, diz-se *achromatismo*	absorpções differentes. E a um systema *dioptrico*, que desvia a luz sem dispersão, diz-se—*achromatico*.
28	6	pontogono	pentagono

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

Secretaria de Cultura e Economia Criativa

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM

CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA